

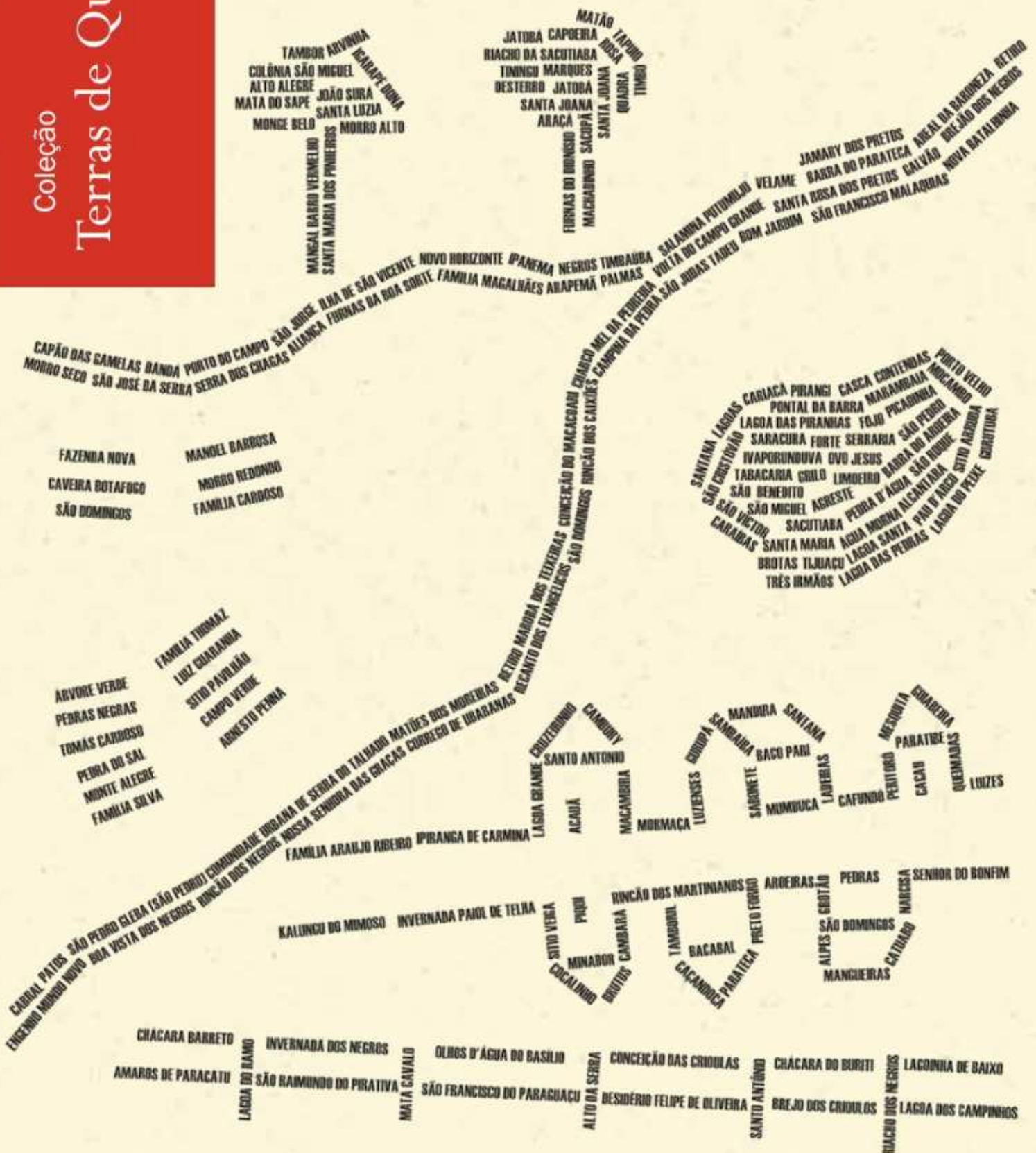


Coleção

Terras de Quilombos

São Paulo

Comunidade Quilombola Morro Seco



As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA, autarquia vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

O objetivo da parceria entre INCRA, CGPCT e NEAD (MDA) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



Comunidade Quilombola São Miguel Arcanjo do Morro Seco

O Quilombo São Miguel Arcanjo do Morro Seco está situado no município de Iguape, no estado de São Paulo, e faz parte de uma rede de mais de 30 comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, entre as quais se incluem Ivaporunduva, Galvão, Mandira, Porto Velho e São Pedro. Morro Seco foi o terceiro quilombo de São Paulo a ser decretado pela Presidência da República (2010). Em decorrência da luta pela posse da terra, na qual estiveram envolvidos os quilombolas de Morro Seco, fazendeiros e grileiros, a comunidade ocupa hoje apenas uma fração de seu território tradicional, com área desapropriada de 164,687 hectares.



Ultimamente vivem em Morro Seco 22 famílias, totalizando 85 pessoas. Algumas dessas famílias descendem diretamente das primeiras linhagens que fundaram o quilombo: Modesto Pereira e Alves Sabino.

A formação do Morro Seco está relacionada à escravidão, às relações de parentesco e à ocupação ancestral da terra, feita por meio de casamentos entre negros e brancos, como atestam não apenas os Maços de População do Arquivo de São Paulo, mas também os relatos dos moradores mais antigos do quilombo. Nesse documento, o Sr. Teobaldino Onório Pereira, por exemplo, um dos patriarcas do quilombo, é descrito como “branco”, enquanto sua esposa, Rita Modesto Pereira, como “africana pura”. Por sua vez, Joaquim Sabino é apontado como negro e sua esposa, Maria Constância do Espírito Santo, branca com ascendência portuguesa. “Geraldina Rita Modesto Alves, nossa mãe, dizia quando ainda éramos pequenos: ‘Minha avó era escrava’”, conta o Sr. Juari Alves Pereira. “Minha avó era branca, de cabelos pretos e longos”, diz o Sr. Armando Modesto Pereira. “Ela era descendente de português”, completa a Sra. Izaltina Geraldina Modesto.

Em relação à época da escravidão, porém, as referências dos quilombolas são distantes, esparsas. “Quando meu pai falava da escravidão, para nós era como se ele estivesse contando uma história que diz que aconteceu”, afirma o Sr. Bonifácio Modesto Pereira. “(Rita, avó materna) contava muita história, mas para nós era um negócio de passatempo. Eu acho que (...) quando a gente conta uma história a gente tem uma certa noção, a gente segura isso. Agora, quando é uma ‘falagem’ a gente não segura.”

Conscientes de não se tratar de mais uma “falagem”, os quilombolas “seguram” com entusiasmo e esperança a conquista do reconhecimento como remanescentes quilombolas. “É mais uma garantia de que a terra já pode ser considerada nossa”, orgulha-se o Sr. Armando Modesto Pereira. “O reconhecimento é para afirmar aquilo que é comum, que para nós não é admirável, mas isso vai valer para quem ainda não conhece sobre a característica da comunidade e os valores que ela tem.” “É a garantia daquilo que é legítimo, autenticidade, respeito, maior reconhecimento pelo poder público”, acrescenta o Sr. Bonifácio.

A Origem do Morro Seco

Segundo as lideranças mais antigas do quilombo, o nome Morro Seco tem origem no fato de que certa vez, nos tempos de formação da comunidade, quando a caça era muito importante para a sobrevivência dos quilombolas, os homens foram caçar em uma região da mata, ou “morro adentro”. Eles sentiram sede, mas não encontraram água. A tarde veio chegando e não conseguiram matar a sede. Tiveram de ir embora. Depois disso, todas as vezes que os homens iam caçar nessa região da mata, passaram a levar água, já que não tinha naquele morro. Passaram a dizer: “Vamos caçar no Morro Seco?” Apesar do nome, a terra é farta de água. Na região, há sete nascentes que abastecem mais de 70% da comunidade. E, entre os cursos de água do Ribeirão do Guapiruvu, Grotta da Onça, Ribeirão da Mina, Ribeirão da Prancha Alta, Ribeirão da Banana-flor, Ribeirão do Agrião, Ribeirão da Lombada, Ribeirão das Pedras, um recebe atenção especial: é o Ribeirão da Bezerra, que corta toda a comunidade e deságua no Rio Morro Seco.

De acordo com os guardiões da memória do Morro Seco, a terra onde está localizado o quilombo era um lugar de difícil acesso, um sertão de mata alta chamado Capoava, para onde os escravos fugiam. Prova do isolamento do lugar é o fato de que, muitos anos depois da chegada dos fundadores, para ir do quilombo até a cidade



Vista parcial da comunidade do Morro Seco

Foto: José Strabelli

de Iguape, eram necessários quatro dias de remo para atravessar o Rio Seco e o Rio Peroupava. Esse era o percurso que os quilombolas faziam para levar o arroz que vendiam no comércio em Iguape. Cabe ressaltar que **a consolidação do quilombo e a permanência dos descendentes na terra, dando origem ao que é hoje o Quilombo do Morro Seco, ocorreu, em grande medida, por meio do fortalecimento dos laços de parentesco e vizinhança, pelo compartilhamento da lida na terra e pelo auxílio mútuo e solidariedade entre as gerações.**

Hoje o caminho do Morro Seco para Iguape e cidades vizinhas é feito por estradas que atendem o município. A comunidade dedica-se à produção comercial de farinha de mandioca in natura, palmito, pupunha e peixes. Boa parte da produção de farinha é vendida na cidade vizinha de Juquiá. Há dois tipos de farinha produzida no quilombo: farinha branca e a farinha d'água. Esta última, feita com mandioca puba, apresenta uma cor mais amarela e grãos maiores. Seu sabor é mais forte em comparação com a farinha branca.

Além da venda desses produtos, os moradores cultivam, para seu próprio consumo, arroz, hortaliças e feijão. Para complementar sua renda, mulheres, homens e jovens buscam trabalho fora da comunidade. Por isso, é comum encontrar moradores do quilombo prestando serviços como assalariados, diaristas e empreiteiros na região, mas sem descuidar da produção agrícola, a principal atividade econômica de Morro Seco.

Até a década de 1960, a ocupação familiar do território quilombola seguia a lógica do direito costumeiro. Entre meados da década de 1960 e começo da década de 1970, o estado de São Paulo realizou um extenso processo de regularização fundiária na região do Ribeira, que afetou negativamente as comunidades quilombolas. Nesse período, o governo implementou a demarcação e titulação das glebas do 5º Perímetro de Iguape, onde está localizado o território de Morro Seco. A titulação das terras na região atraiu o interesse e especulação do mercado imobiliário. Em consequência, os quilombolas se viram pressionados por grileiros, fazendeiros e chegantes a cederem e venderem lotes de terra.

Essa época foi marcada também por graves problemas e dificuldades econômicas das famílias quilombolas, que se somaram às ameaças de expropriação de terra, grilagens, violências e invasões. Nem todo o território originalmente ocupado por eles resistiu ao processo de regularização fundiária. Muitos cederam ao assédio de grileiros e, **entre as glebas resultantes da demarcação, a identificada como nº 79, localmente conhecida como “Sítio São Miguel Arcanjo”, concentra as ações de resistência do grupo.**

A gleba nº 79 foi titulada em 1966 em nome de Joaquim Soares Alves, descendente de família quilombola. Essa gleba corresponde ao território quilombola de Morro Seco desapropriado em favor da comunidade em 2010 por Decreto de Interesse Social da Presidência da República. O imóvel é objeto de uma ação de desapropriação que prevê o pagamento de indenizações aos posseiros não quilombolas que ocuparam partes da gleba de boa-fé. O objetivo é que a propriedade do imóvel passe do espólio de Joaquim Soares Alves para a coletividade quilombola, por meio da titulação em nome da Associação Quilombola São Miguel Arcanjo do Bairro Morro Seco. Os herdeiros do Sr. Joaquim não ocupam mais a Gleba nº 79 na totalidade da área demarcada, pois alguns filhos venderam os lotes herdados e os que permaneceram no quilombo venderam parte dos seus terrenos a pessoas de fora da comunidade.

Os mesmos conflitos, o uso da violência e o desconhecimento dos direitos dos moradores sobre a terra ocupada também podem ser vistos em outras glebas. Destaque para o caso da Gleba nº 84, que pertenceu à família de Antônio Alves Sabino e que, apesar de fazer parte do território quilombola histórico, não foi reivindicada pela comunidade em questão.

A intenção é que, após a regularização fundiária do quilombo, os títulos particulares tornem-se um título único e coletivo em nome da Associação Quilombola São Miguel Arcanjo do Bairro Morro Seco. Viverão nas terras apenas as famílias quilombolas que têm vínculos de solidariedade, parentesco e reciprocidade com as antigas famílias fundantes do quilombo. Para os remanescentes do quilombo o pleito é uma forma de garantir a integridade física do território, que permitirá o investimento na produção agrícola, a segurança para o sustento da comunidade, a preservação do meio ambiente e o desfrute das tradições culturais.

Cultura e tradições da comunidade

A forte influência do catolicismo e dos santos padroeiros nas comunidades quilombolas do Vale do Ribeira também está presente no Quilombo do Morro Seco. Não por acaso, fazem parte do calendário religioso da comunidade celebrações tradicionais como a folia de reis, a romaria e coroação de Nossa Senhora de Fátima, a via sacra da Quaresma e a festa do padroeiro do quilombo, São Miguel Arcanjo, realizada em 29 de setembro. A construção da igreja, nos anos 1970, em homenagem ao padroeiro é motivo de orgulho para a comunidade quilombola. “A igreja (após reforma), sem dúvida, ficou mais bonita”, opina a Sra. Lucia Geraldina Modesta Alves. “Porque aqui dentro da comunidade fica muito mais fácil participar. Para ir à cidade fica muito difícil.” Antes da reforma, não havia pintura, nem energia elétrica, o que dificultava a realização de missas e celebrações à noite.

A celebração do padroeiro começa com uma procissão cantada e rezada na qual os devotos carregam sua imagem até o interior da igreja que leva seu nome. Quando a imagem entra na igreja, são proferidos cânticos e rezas, sempre ao som do violão, guitarra e baixo,

Celebração de São Miguel Arcanjo, Quilombo Morro Seco
Foto: Felipe Leal/ISA, 2010.



tocados pelos moradores do quilombo. Para simbolizar os arcanjos Miguel, Rafael e Gabriel, três crianças são vestidas com roupas de anjo. Na celebração há também a presença de três meninas que usam panos coloridos amarrados na cabeça em referência aos elementos da cultura local.

Outro festejo religioso destacado da comunidade é a folia de reis. Faz parte do ciclo natalino e acontece geralmente entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, ou apenas no dia 6. Nele, muitos foliões saem às ruas cantando e trajando roupas coloridas, comemorando o nascimento do menino Jesus. “Em dezembro, dois dias antes do Natal, sai o grupo: os três reis, tipe, baixão, rabequista, triângulo, viola e violão, para fazer as visitas à noite, em todas as casas que queiram receber”, conta o Sr. Armando. “Vai até amanhecer. Na visita canta-se o reisado, o dono oferece o café e às vezes uma gorjeta. Canta-se a chegada e a despedida.”

Mais um festejo comemorado no Morro Seco é a Romaria e Coroação de Nossa Senhora, que ocorre em maio. Trata-se de uma celebração religiosa na qual a imagem de Nossa Senhora de Fátima é carregada pelos fiéis e percorre em procissão as casas da comunidade, visitando todas as famílias do quilombo. Os devotos do Morro Seco,



Armando Modesto, Zeca e Benedito Cancio (da esq. p/direita) representam os três Reis. Morro Seco. Foto: Juliana Ferreira/ISA, 2012

ao coroarem Nossa Senhora de Fátima, fazem uma homenagem à Virgem Maria. A Romaria de Nossa Senhora, tal como ocorre em Morro Seco, é uma das poucas celebrações que envolvem procissões noturnas, mantendo uma tradição que deixou de existir em muitos quilombos, sobretudo as procissões da Recomendação das Almas, tão difundidas no Vale do Ribeira até os anos 1950.

Também é muito comemorada na região a Festa de Bom Jesus de Iguape, que reúne milhares de fiéis na igreja de mesmo nome na cidade de Iguape. A festa é celebrada em 6 de agosto e conta com a participação de católicos e romeiros de todo o Vale do Ribeira e de outros estados. Para lá se dirigem os moradores dos quilombos vizinhos, que chegam a cavalo, a pé ou em conduções particulares. Todos chegam com o objetivo de pedir bênçãos ao Bom Jesus.

Outra manifestação cultural amplamente difundida entre os moradores do Vale do Ribeira é o fandango. De origem espanhola, a dança foi trazida pelos portugueses para o Brasil, onde ganhou coreografia, ritmo e sons específicos, conforme a região em que se desenvolveu. No Vale do Ribeira, a dança foi aquilombada. “É uma diversão e um desenvolvimento cultural: é manifestação de música e dança”, garante o Sr. Bonifácio. A principal marca do fandango é o sapateado que os homens fazem com tamancos de madeira. O sapateado contribui para a marcação do ritmo, além de compor as coreografias dos bailarinos. O fandango batido é caracterizado e ritmado pelo sapateado,



Comunidade do Morro Seco dançando o fandango.

Foto: Eduardo César

fazendo referência ao bate-pé, também chamado de nhá-maruca. De maneira geral, existem diferentes tipos de modas de fandango que fazem variar os passos e a evolução da dança.

Na comunidade do Morro Seco, o fandango é uma tradição passada de geração em geração e constitui uma referência cultural para os moradores. Segundo Armando Modesto Pereira, “nas festas onde tinha fandango sempre se comia carne seca com farofa, paçoca e uma pinguinha para animar o pessoal”. Tamanho era o entusiasmo dos moradores com o fandango que “acontecia que tinha ocasião de ter 150 pessoas reunidas rezando, dançando”, lembra o Sr. Bonifácio. “Então o povo chamava: ‘Ah, hoje nós vamos dançar para o Morro Seco, hoje vamos para Palmeiras’. Sempre houve uma harmonia muito boa.” Atualmente, dez casais da comunidade se apresentam em festivais da região e em outros estados, disseminando o fandango para além do Vale do Ribeira.

O Sr. Bonifácio é responsável por ensinar o toque da rabeca para os jovens e para as crianças não apenas da comunidade do Morro Seco, mas também para comunidades vizinhas. As rabecas são esculpidas em madeira maciça. Trata-se de um trabalho artesanal que exige domínio das técnicas de produção. Um saber passado de geração em geração, vivo e ressignificado na comunidade. Mais um motivo de orgulho para os moradores do quilombo.

Uma tradição que já foi muito forte no quilombo são os mutirões comunitários. Trata-se de reuniões em que moradores convocam os vizinhos para um trabalho coletivo, seja para plantio da roça, colheita



Joemir e seu pai Hermens - Grupo de fandango da comunidade de Morro Seco em Iguape.
Fonte: Site povosdoribeira.com.br

do arroz, limpeza dos lotes, construção das casas ou eventos religiosos. Em maio de 2015, a comunidade do Morro Seco realizou um grande mutirão para colheita de arroz. Os participantes tiveram direito a café da manhã, almoço e jantar. Para finalizar, foi promovido um baile para 150 pessoas com o fandango do Morro Seco, violeiros de Ivaporunduva e Piririca.

Tamanha festa justifica-se em razão de que havia anos a comunidade não se reunia para o tradicional “puxirão”. Na comunidade do Morro Seco, como em outras comunidades da região, os mutirões seguidos por bailes deixaram de ser praticados. Foram substituídos por outro tipo de organização do trabalho coletivo, a “reunida”. Assim como no puxirão, as reunidas servem para o cumprimento das mesmas tarefas (roçada, colheita do arroz e até para barrear casas de pau a pique). A diferença entre o puxirão e a reunida é que nesta última a tarefa pode ser cumprida em apenas meio dia de trabalho, além de contar com um número menor de participantes, em média entre 15 e 20 pessoas, e no fim da jornada de trabalho não há festejos.

Para os moradores mais antigos do Quilombo do Morro Seco, reviver os puxirões é um modo de manter viva a esperança da comunidade. “Hoje, neste nosso mutirão que estamos fazendo aqui, está acontecendo uma coisa de esperança, porque nós pretendemos continuar isto para muitos e muitos anos”, disse na ocasião o Sr. Armando. “Isto aqui é um exemplo de vida, de trabalho e de educação. Meu pai dizia que ele ia aos mutirões e comia paçoca com carne seca com a mão. O mutirão era feito de vários jeitos, não só de colheita, mas também para o roçado, para a plantação e limpeza do arroz. E naqueles mutirões tinha quantas pessoas? O mesmo tanto que nós temos aqui agora, 60 pessoas.” No entanto, ressalva o Sr. Armando: “Eles não vinham na hora que nós chegamos hoje. O povo naquele tempo chegava com o clarear do dia. Porque hoje é uma demonstração. Naquele tempo era obrigação chegar cedo e ir trabalhar. No dia do mutirão tinha o fandango, que naquele tempo não se falava em baile. Então o povo naquele trabalho ia com muita animação porque não tinha outra diversão. O povo ia para o mutirão para se divertir, trabalhar, comer e dançar”.

A Associação Quilombola do Morro Seco: união e conquistas

A Associação Quilombola São Miguel Arcanjo do Bairro Morro Seco foi fundada em 25 de agosto de 2002 e formalmente registrada em 3 de fevereiro de 2003. Além de ser um espaço de articulação política, especialmente os relacionados à titulação coletiva da terra, a sede da associação, construída com recursos do Instituto de Terras do Estado de São Paulo, é um lugar de socialização, onde a comunidade se reúne para organizar e realizar as oficinas culturais, festas e bailes. A organização da associação foi precedida pela experiência da sistematização comunitária, que teve apoio da Igreja Católica.

Na atualidade são várias as reivindicações dos moradores do Quilombo do Morro Seco: demandas de infraestrutura, moradia, ensino, saúde, transporte e, principalmente, a finalização do processo de demarcação e titulação do território quilombola. Porém, devem ser registrados os avanços que **a comunidade alcançou nos últimos anos, desde o reconhecimento e delimitação do território à preservação de seus saberes e a valorização das suas manifestações culturais.** Com essas conquistas, a comunidade



Sessenta pessoas participaram do mutirão da colheita de arroz. Foto: Marília Garcia Senlle-ISA

quilombola do Morro Seco se prepara para as novas possibilidades e desafios do futuro, sem perder de vista sua singularidade como comunidade tradicional quilombola.

Apesar de apenas Ivaporunduva, Galvão, Mandira, Morro Seco, Porto Velho e São Pedro participarem da Coleção Terras de Quilombos, existem dezenas de outras comunidades quilombolas no Vale do Ribeira unidas a essas na luta pela titulação de suas terras. Essa mobilização singular dos quilombolas do Vale do Ribeira teve início nos anos 1980, quando eles somaram forças contra a construção de quatro hidrelétricas na região. Mais tarde, devido ao aumento das restrições de uso do bioma mata atlântica e a criação de Unidades de Conservação no Vale, passaram a se articular pela liberdade de cultivo tradicional e pela valorização de seus conhecimentos sobre a terra. Desde então ainda mais orgulhosos de seus laços históricos e cada vez mais engajados na defesa de seus interesses, os quilombolas do Ribeira desenvolveram em conjunto inúmeras iniciativas, com destaque para seus programas de turismo de base comunitária, o inventário de suas expressões culturais, o projeto de repovoamento do palmito-juçara, o projeto de cultivo de bananas orgânicas e o fortalecimento da agrobiodiversidade de roças e quintais e da comercialização desses produtos através de uma cooperativa criada por eles em 2012. Com tantos resultados expressivos, os quilombos do Vale do Ribeira têm se transformado em um exemplo nacional de união e de fortalecimento das comunidades quilombolas em busca de soluções conjuntas para seus problemas políticos, econômicos e socioambientais.



Plantio de mandioca no Quilombo Morro Seco. Foto: Acervo ISA, 2007

Esta narrativa foi escrita por Sofia Lorena Vargas Antezana a partir do Relatório Técnico - Científico sobre os remanescentes da comunidade Quilombola de Morro Seco/Iguapé – ITESP/SP, elaborado pela Antropóloga Maria Cecília Manzoli Turatti.

Informações adicionais foram obtidas no site Quilombos do Ribeira <http://www.quilombosdo-ribeira.org.br/> ; no Laudo Antropológico de 1998 “Comunidades negras de Ivaporunduva, São Pedro, Pedro Cubas, Sapatu, Nhunguara, André Lopes, Maria Rosa e Pilões”, coordenado por Deborah Stucchi; no Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira editado por Anna Maria Andrade e Nilto Tatto, Instituto Socioambiental, 2013; na Agenda socioambiental de comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, editado por Kátia M. Pacheco dos Santos e Nilto Tatto, Instituto Socioambiental, 2008; e na notícia “Quilombolas do Vale do Ribeira retomam o tradicional mutirão da colheita de arroz”, 27 de Maio de 2015. <http://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/quilombolas-do-vale-do-ribeira-retomam-o-tradicional-mutirao-da-colheita-de-arroz-apos-decadas>.

Uma palavra da comunidade

Morro Seco

A comunidade do Morro Seco presta homenagem a dois elementos fundamentais que foram os pilares da nossa comunidade. Sem essas duas forças não seria possível ser o que somos e ter o que temos. Graças a eles que lutaram com coragem, garra, passando por sofrimentos, cansaço e pobreza, o quilombo se fortaleceu. Portanto, estamos falando dos nossos pais: Joaquim Moraes Alves e Geraldina Rita Modesta Alves, que não desanimaram, conseguiram vencer e deixaram para nós a maior riqueza que existe: a terra.

Agradecemos a Deus pela educação que eles nos deram e pela coragem deles. Serve de exemplo e inspiração para continuarmos com a tarefa militante que nos cabe. Somos os galhos de um grande tronco que são e serão sempre eles e, como uma grande família que somos, a comunidade reconhece que nossos pais merecem essa memória.

Aqui a comunidade se despede dos que já são falecidos, nossos saudosos pais: Joaquim Moraes Alves e Geraldina Rita Modesta Alves.

Eu, Benedito Alves, assino em nome da comunidade.



Grupo de Foliões de Reis de Morro Seco.
Foto: Juliana Ferreira/ISA, 2012.



Grupo de Fandango de Morro Seco.
Foto: Acervo ISA, 2010.

Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CEBRAS, NUQ
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Deborah Lima, Juarez Rocha Guimarães, Maria Consolação Lucinda, Leonardo Avritzer
CONCEPÇÃO DE TEXTO E EDIÇÃO FINAL	Deborah Lima
EDIÇÃO DE TEXTO	Juarez Rocha Guimarães, Wallace Santos, Gustavo A. Fonseca Silva
SUPERVISÃO DAS NARRATIVAS	Deborah Lima, Carlos Eduardo Marques, Alexandre Sampaio
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Lilian C. B. Gomes, Cláudia Marques Oliveira, Isabella G. Miranda, Marilene Ribeiro
ADMINISTRAÇÃO	Kaianan Mauê S. Rosa, Priscila Z. Matins
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

A627q Antezana, Sofia Lorena Vargas
Quilombo Morro Seco / Sofia Lorena Vargas Antezana.
- Belo Horizonte :FAFICH, 2015.

16 p. (Terras de quilombos)
Baseado no Relatório técnico – científico sobre os remanescentes da
comunidade de Quilombo de Morro Seco / Iguapé – SP, de Maria Cecilia
Manzoli Turatti.

1. Quilombos. 2. Antropologia. 3. Turatti, Maria Cecília Manzoli. Relatório
técnico – científico sobre os remanescentes da comunidade de Quilombo de
Morro Seco / Iguapé – SP I. Título. II. Série.

CDD:306
CDU:39

DILMA ROUSSEFF
Presidenta da República

PATRUS ANANIAS
Ministro de Estado do
Desenvolvimento Agrário

MARIA FERNANDA RAMOS COELHO
Secretária Executiva do Ministério do
Desenvolvimento Agrário

ROBERTO WAGNER RODRIGUES
Diretor do Núcleo de Estudos Agrários
e Desenvolvimento Rural

ZORILDA GOMES DE ARAÚJO
Coordenadora do Núcleo de Estudos
Agrários e Desenvolvimento Rural

EDMILTON CERQUEIRA
QUÊNER CHAVES DOS SANTOS
Coordenação Geral de Políticas para
Povos e Comunidades Tradicionais

MARIA LÚCIA FALCÓN
Presidenta do Instituto Nacional de
Colonização e Reforma Agrária

RICHARD MARTINS TORSIANO
Diretor de Ordenamento da
Estrutura Fundiária

ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI
Coordenadora Geral de Regularização
de Territórios Quilombolas

GUILHERME MANSUR DIAS
JULIA MARQUES DALLA COSTA
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS
Apoio técnico
Superintendências nos estados

A Coleção Terras de Quilombos

reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.